

Trajетórias Iniciais: memória das sociedades indígenas no twitter

Hellen Maria Alonso Monarcha¹ (UNAMA)

Resumo:

Este artigo apresenta e analisa as relações de poder em que estão envolvidas as trajetórias iniciais dos discursos que estão colocados em circulação no twitter a respeito das sociedades indígenas.

Palavras-chave: sociedades indígenas, twitter, discursos circulantes

Abstract:

This article presents and analyzes the power relations that are involved in the initial trajectories of the speeches that are put into circulation on twitter about indigenous societies.

Keywords: indigenous societies, twitter, current discourses

Redes sociais: embalando discursos

Karl Marx nunca imaginaria ir tão longe. Todo o poder às massas! É delas a supremacia do pensamento em estado de excelência. Do conhecimento e de seus avanços como produto coletivo, de um novo e anabolizado proletariado, o proletariado digital. Da inteligência como resultado da contribuição de cada um e de todos, integrados em um ambiente colaborativo universal, onde nem mesmo o céu é mais o limite (o céu é apenas mais um caminho para o tráfego de dados, o cyberspaço).

Marcondes

Muitas vezes nos referimos à *internet* como se ela fosse atemporal, não datada e indefinida. Na atualidade, porém, já podemos pensar no percurso histórico da rede mundial de computadores. Por volta dos anos de 1960, no auge da guerra fria, militares dos Estados Unidos se empenharam em criar uma rede que integrasse os computadores, com fins específicos e militares.

A *Internet* surgiu a partir de um projeto da agência norte-americana *Advanced Research and Projects Agency (ARPA)* objetivando conectar os computadores dos seus departamentos de pesquisa. (CÚELLAR, 2008, p.17)

No Brasil, ela se desenvolve a partir dos anos de 1990, no meio acadêmico, através do professor Oscar Sala, da Universidade de São Paulo (USP) e conselheiro da Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado de São Paulo (Fapesp). Sua ideia era conectar os computadores do Brasil com os de outros países, o que deu origem à *Bitnet* (*Because is Time to Network*), que em português significa **porque é tempo de trabalho em rede**. A *Bitnet* conectava a Fapesp ao *Fermilab*, laboratório de Física de Altas Energias de Chicago (EUA). Em 1991, o acesso ao sistema, já chamado *Internet*, foi liberado para instituições educacionais e de pesquisa e a órgãos do governo. (REDAÇÃO TERRA, 2005)

Hoje falamos em *Web 2.0*, uma nova concepção de uso da *internet*, bem diferente de sua origem específica e pouco interativa. Uma definição ainda recente, compreendida por alguns que conhecem sua origem e peculiaridades, que a distinguem da *web 1.0*, e ainda sem sentido para alguns que a reduzem a um termo de *marketing*.

Essa mudança diz respeito a como os conteúdos são recebidos hoje na *internet*, com que olhares, ou melhor, diz respeito a uma mudança de comportamento, a como os conteúdos são também construídos por usuários e por desenvolvedores. Este novo momento caracteriza a recepção ativa, com suas redes sociais, que vem revolucionando a comunicação deste início de século.

As redes sociais, ou mídias sociais, são o que existe de mais novo na *internet*, sendo elas plataformas disponibilizadas em diversos formatos, com funções variando de *microblogs* (mini-diários *online*) à *blogs* (diários *online*), nas suas definições mais simples, perpassados por discursos mercadológicos, sociológicos e tecnológicos.

Assim como ocorreu com a primeira geração da *internet*, as redes sociais foram criadas com uma proposta inicial que difere dos diversos usos hoje praticados por milhões de usuários no mundo todo, conforme seus interesses particulares.

Esse comportamento pode ser relacionado ao que Baccega (1998) chama de teoria da recepção.

Os receptores tornam-se co-produtores do produto cultural. São eles que o (re)vestem de significado, possibilitando a atualização de leituras, o rompimento de caminhos pré-estabelecidos de significados, a abertura de trilhas que poderão desaguar em reformulações culturais.

A recepção, como ato cultural, desempenha importante papel na construção da realidade social. (BACCEGA, 1998, p. 10)

Até aqui, a recepção ativa, que vem ocorrendo com ênfase nas redes sociais, sugere uma relação de poder massificada, na qual todos interagem com todos, além de cada um decidir o que quer e o que não quer ver, o que se vai guardar e o que se vai descartar.

Não se pode, no entanto, acreditar que a *web 2.0* estabeleceu uma condição de absoluta igualdade entre seus usuários. A primeira consideração a ser feita diz respeito à acessibilidade, pois esta interação é bem mais possível, quando os usuários tem acesso à banda larga e a equipamentos atualizados. A segunda diz respeito aos níveis de letramento destes usuários, não existe recepção ativa quando as condições de posicionamentos críticos por parte do usuário são muito limitadas. Esta cidadania democrática e universal proposta pela *web 2.0* só poderá ser exercida por quem, de fato, tenha condições de participar ativamente, criando novidades. Não há recepção ativa diante de usuários que só repetem o que encontram no universo digital.

Segundo Silva (2010), devemos sempre considerar a existência de três esferas que fazem os discursos circularem nesses meios: a mercadológica, a sociológica e a tecnológica, todas imbricadas, nenhuma se sobrepondo a outra, como é comum ser colocado. O autor defende a ideia de que as três esferas se complementam em suas necessidades através da interatividade. A sociedade se utiliza da colaboração da tecnologia para exigir seus conteúdos personalizados, encontrar seus pares, adentrar conteúdos, interferir em produtos, ao mesmo tempo em que o mercado e a própria tecnologia também se apropriam dos discursos e atitudes dessa sociedade em favor de seus interesses e benefícios.

“What are you doing?”

Neste artigo, o objetivo é analisar principalmente a mídia social que no momento tem sido motivo de muita polêmica, o *twitter*. As opiniões se dividem: para muitos uma “bobagem” limitada, superficial, sem sentido, para os especialistas em comunicação digital, um espaço privilegiado na *internet*.

Além de sua simplicidade e possibilidade de combinar informações da *web* com informações móveis, o *twitter* dinamizou e valorizou os comentários antes estáticos e sem repercussão postados em *sites* e portais por pessoas comuns. Ele é bastante usado como mediador entre o usuário e a realidade, mas também media produtos em seu próprio meio, como quando *linka* (liga) um *tweet* a outro *tweet*, ou um *tweet* a um *blog*, ou um *tweet* a um *site*, ou um *tweet* a outra mídia social, como à comunidade de vídeos *youtube*, etc.

O termo *twitter*, traduzido para o português, significa o barulho que fazem os pássaros, e *tweet*, que são os 140 *caracteres*, significa piar. Ou seja, a nomenclatura escolhida para a plataforma já designa uma de suas características principais: seus enunciados curtos, como os pios dos pássaros, mas capazes de atravessar os céus.

É preciso perceber o caráter social desta plataforma, que faz com que as pessoas queiram estar onde **todo mundo está**. O *twitter*, em função de seus recursos ou seu pioneirismo, algo a ainda ser discutido, conseguiu reunir uma grande quantidade de empresas, comunidades, grupos e pessoas em geral, que de forma metalingüística, atraem mais empresas, comunidades, grupos e pessoas, inclusive instituições reconhecidas e de referência na área de pesquisa acadêmica no Brasil, como o Scielo e o Cnpq.

Inicialmente, a plataforma do *microblog twitter* apresentava como estímulo à participação dos seus usuários a pergunta sobre o que se estava fazendo, em inglês *what are you doing?* Tal enunciado caracterizava sua pretensão de mini-diário *online*, no qual as pessoas, principalmente por entretenimento, postariam a respeito de simples ações de seu cotidiano. Enunciados do tipo **estou tomando**

banho, estou com muito sono, continuam a circular nas páginas do *twitter*. Muitas das críticas endereçadas à plataforma recaem neste caráter muito íntimo e superficial das postagens.

A pergunta *what are you doing?*, no entanto, mudou há algum tempo para *what's happening?*, em português o que está acontecendo? Esta mudança foi feita pela equipe que trabalha no *twitter*, a partir do que as pessoas colocavam prioritariamente em circulação em seus *tweets* (limite de 140 toques ou 140 letras): notícias, denúncias, dúvidas, opiniões...

26 de novembro de 2008 - Mumbai abalada por tiroteios. As primeiras fotos e manchetes do devastador ataque terrorista na Índia chocaram o mundo, tendo em vista que mais de 300 pessoas perderam suas vidas e inúmeras outras ficaram feridas. [...] Mas igualmente incrível foi o meio pelo qual as primeiras fotos e manchetes foram enviadas.

Não foi pela CNN.

Não foi pela *National Public Radio*.

E não foi pelo *The New York Times*.

Na verdade, as primeiras informações sobre o que acontecia em Mumbai e a manchete estampada acima foram escritas por pessoas comuns que se achavam no local. Elas utilizaram sabiamente um site da web chamado *Twitter* [...]

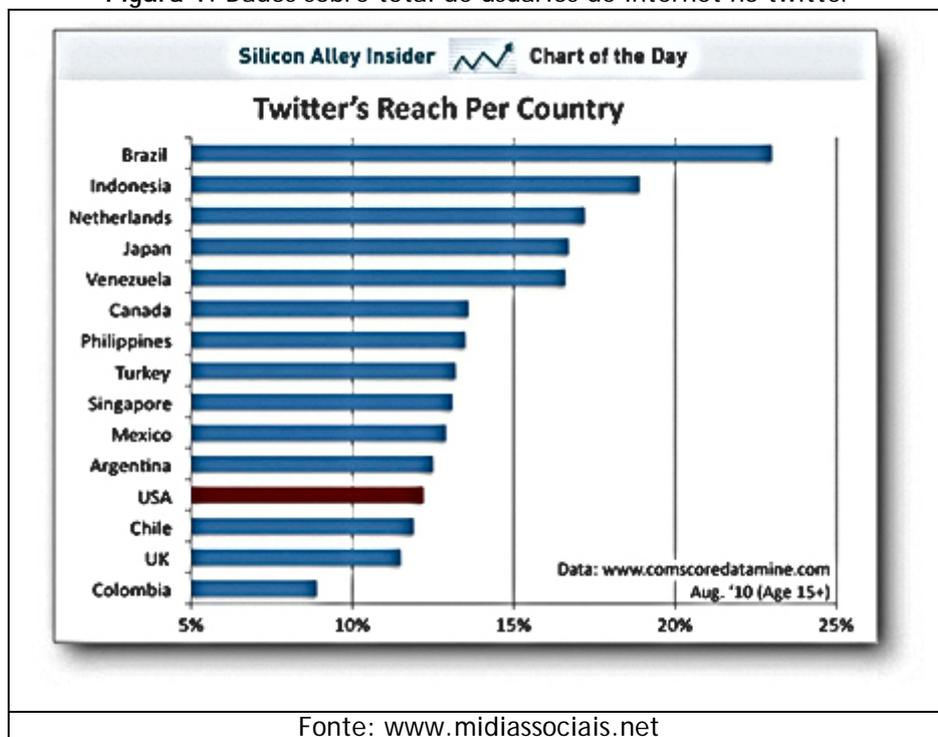
Passaram-se horas até que as primeiras reportagens sobre o ataque terrorista aparecessem nos noticiários.

No final, a CNN mostrou uma história intitulada "Twittando o terror: como a mídia social reagiu a Mumbai. (COMM, 2009, p.XXI)

Segundo Ricardo de Paula (2010):

o *Twitter* e o *Facebook* se consolidam cada vez mais como as redes sociais prediletas dos usuários online. Segundo dados da comScore compilados pela SAI no gráfico abaixo, o Brasil é o país com maior *handicap*² quando se trata do total de usuários de internet que utilizam o *Twitter*.

Figura 1: Dados sobre total de usuários de internet no twitter



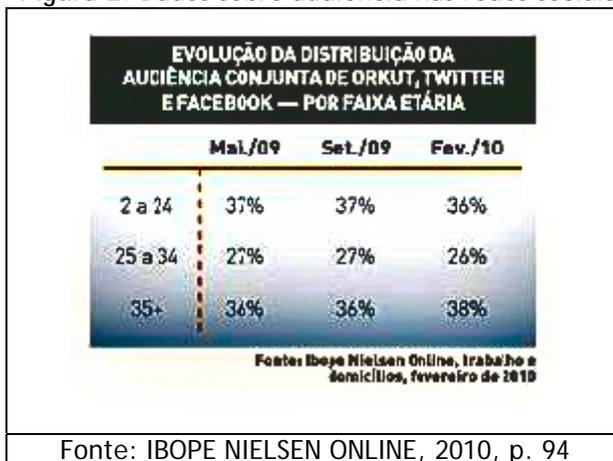
A expressividade desses números demonstra como o Brasil acaba por driblar algumas barreiras comunicativas, que caracterizam relações de poder estabelecidas no *cyberespaço*, onde a língua inglesa é a grande majoritária. Ainda não existem no *twitter* comandos em português, apenas podem ser visualizados nos idiomas inglês, espanhol, italiano, francês, alemão e japonês. Outro dado significativo diz respeito ao volume de usuários brasileiros (fig.1), que supera o de muitos países que possuem facilidades no uso da ferramenta. Esse **jeito** brasileiro, neste caso, acaba por lhe conferir vantagens, obrigando a plataforma a se re-elaborar, como ocorreu com a mídia social *Orkut*, também **invadida** por brasileiros e hoje com versão em português.

Outro dado relevante, conseqüência de toda essa dinâmica, é a faixa etária que frequenta as redes sociais, cada vez mais diversificada:

2. Handicap_vantagem do mais fraco; desvantagem imposta a um competidor forte.

Em maio de 2009, ...dos 3,3 milhões de novos usuários adquiridos por esse grupo de sites, 1,9 milhão deles tinham 35 anos ou mais. Enquanto entre os jovens até 24 anos o aumento foi de 9%, entre os adultos acima de 35 anos esse índice foi de 21%. (IBOPE NIELSEN ONLINE, 2010, p.94)

Figura 2: Dados sobre audiência nas redes sociais



Provavelmente, os discursos e usos da plataforma *twitter*, e outras mídias sociais, continuarão a se modificar, reproduzindo ou representando de forma mais autêntica, sempre com linguagem própria, a realidade social. A faixa etária já é mais uma materialidade discursiva nos *tweets*.

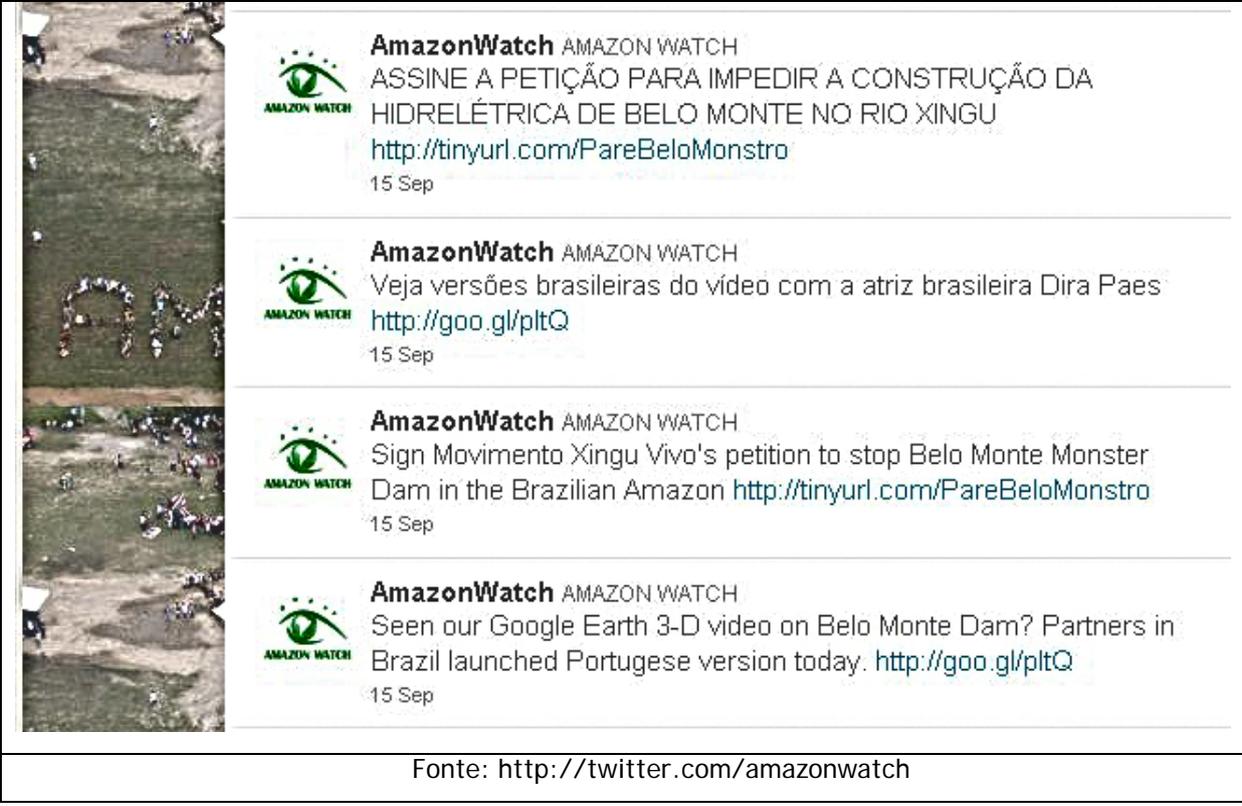
Índios na rede de enunciados

As sociedades indígenas, no imaginário brasileiro, de um modo geral, foram inventadas ou representadas por terceiros, de forma genérica como selvagens, sem as singularidades de cada povo, com suas culturas e histórias. A sociedade em rede, em contrapartida, se posiciona exigindo conteúdos personalizados, múltiplos, sabendo que tem direito à liberdade de escolha, adentrando conteúdos que são disponibilizados, e não mais simplesmente emitidos por outrem.

Diferente do que se possa imaginar, discursos a respeito das sociedades indígenas na *internet*, nas redes sociais e mais especificamente no *twitter* se

fazem presentes e são constantes. Como exemplo, temos os seguintes usuários que colocam esses discursos em circulação: o Instituto Socioambiental (ISA), o Povos Indígenas no Brasil (PIB), o Povos Indígenas no Brasil Mirim (PIB_mirim), o Instituto Ethos, o Movimento Xingú Vivo, o Amazôniaorg, o internacional *Amazon Watch* (fig.3), e etc.

Figura 3: *Tweets da Amazon Watch de Set/2010*



The image shows a vertical stack of four tweets from the account 'AmazonWatch' (AMAZON WATCH). Each tweet includes the organization's logo, a text message, a URL, and the date '15 Sep'. The tweets are as follows:

- Tweet 1:** ASSINE A PETIÇÃO PARA IMPEDIR A CONSTRUÇÃO DA HIDRELÉTRICA DE BELO MONTE NO RIO XINGU <http://tinyurl.com/PareBeloMonstro>
- Tweet 2:** Veja versões brasileiras do vídeo com a atriz brasileira Dira Paes <http://goo.gl/pltQ>
- Tweet 3:** Sign Movimento Xingú Vivo's petition to stop Belo Monte Monster Dam in the Brazilian Amazon <http://tinyurl.com/PareBeloMonstro>
- Tweet 4:** Seen our Google Earth 3-D video on Belo Monte Dam? Partners in Brazil launched Portugese version today. <http://goo.gl/pltQ>

Fonte: <http://twitter.com/amazonwatch>

Estreou nesta semana o curta-metragem *Indígenas Digitais*, no Oi Futuro, em Ipanema, no Rio de Janeiro. O documentário retrata como indígenas de várias etnias estão utilizando a tecnologia para troca de informação e aprendizado.

Resultado da parceria da ONG Thydewá com a Cardim Projetos, o filme mostra integrantes de várias nações indígenas, como a Tupinambá (BA), a Pataxó Hahahãe (BA) e a Pankararu (PE), relatam como celulares, câmeras fotográficas, filmadoras, computadores e, principalmente, a *internet* vêm sendo ferramentas importantes na busca das melhorias para as comunidades indígenas e nas relações destas com o mundo globalizado. (SOUZA, 2010)

O filme **Indígenas digitais** é voltado para a divulgação de um projeto, que é o portal Índios On-Line, selecionado em 2004 pelo Programa Oi Novos Brasis, de fomento à inclusão digital. O portal foi criado em função do programa e focado em sete nações indígenas na Bahia, em Pernambuco e em Alagoas.

No *twitter*, assim como no portal Índios On-line, é possível perceber através de discursos e logotipos, que são instituições, movimentos e não pessoas físicas que falam da Amazônia e das sociedades indígenas.

Apesar da seriedade e credibilidade dos projetos e organizações, ainda é reduzido o acesso dos indígenas na rede falando por si mesmos. De todo modo, mais do que o acesso às redes sociais, ainda se faz necessário considerar o preparo das sociedades indígenas para lidar com os prós e os contras da rede *internet*, e também os prós e os contras nela reproduzidos da realidade. Há que se pensar em condições de produção e em cidadania.

Algumas barreiras, que parecem superadas nos discursos dos projetos mais recentes, dizem respeito ao próprio acesso à *internet*. No caso dos Aikewára, está previsto apenas para julho de 2011 o primeiro ponto de *internet* da aldeia em Sororó. Será em uma escola estadual. Por enquanto, alguns dos indígenas mais jovens, na faixa de 21 anos, são os que freqüentam *lan houses* pelas redondezas.

Trajetórias iniciais: memória dos Aikewára no *twitter*

Os Aikewára são um Povo Tupi que habitam na região Sudeste do Estado do Pará, na Área Indígena Sororó, pertencente aos municípios de Marabá, São Domingos do Araguaia e São Geraldo do Araguaia que no passado constituíam o território Aikewára, antes da demarcação de suas terras. A Área Indígena Sororó está localizada aproximadamente a 100 km de Marabá, a 50 km de São Domingos do Araguaia e a 55 km de São Geraldo do Araguaia. Após o contato com o padre dominicano Frei Gil Gomes Leitão em 1953, os Suruí, como ficaram conhecidos, hoje reivindicam serem chamados apenas pela autodenominação Aikewára (nós, a gente) como forma de marcar sua identidade étnica. (MATTA DA SILVA, 2009, p.78)

Tiapé Suruí (fig. 4) e Murué Suruí (fig.5) já estão no *twitter*, desde o dia 19 de outubro de 2010, os dois se mostraram bastante interessados em conhecer mais

sobre esta mídia e sobre as redes sociais como um todo, em ser os multiplicadores das possibilidades contidas nos **pios do pássaro azul** na comunidade Aikewára.

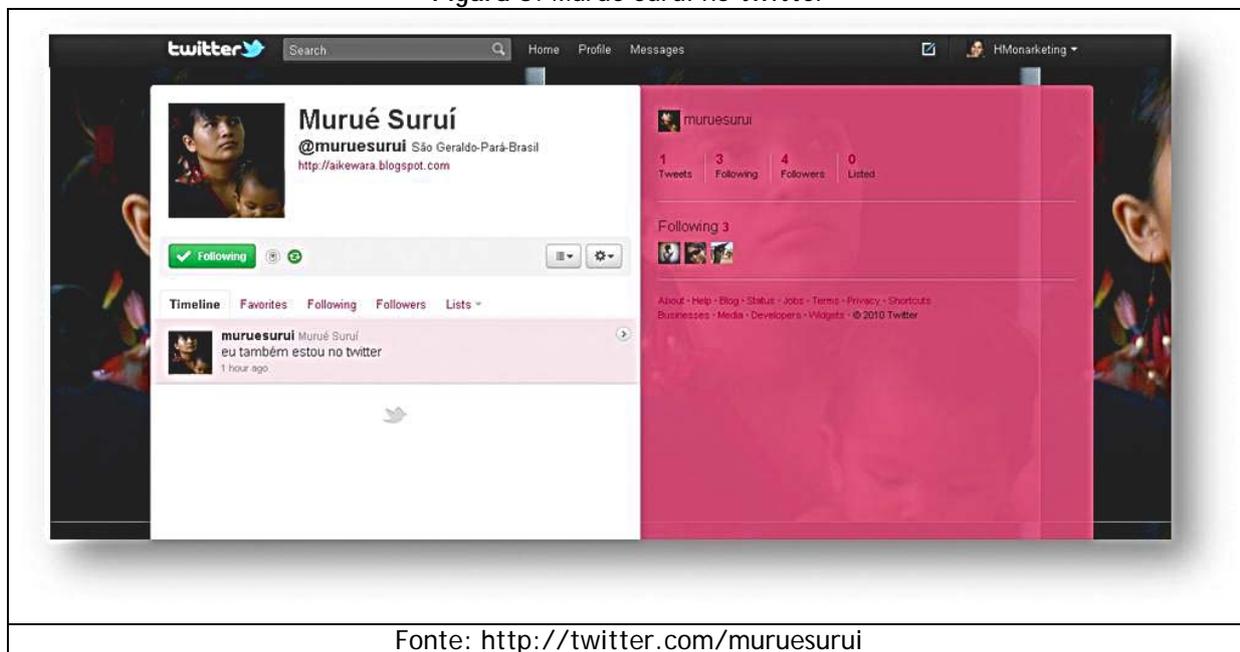
Na prática, os Aikewára querem preservar sua cultura, valorizá-la diante dos mais jovens, divulgar seu artesanato, denunciar desmatamentos e invasões em suas terras, opinar sobre assuntos de seu interesse, como é o caso de Belo Monte, ter um espaço para exercer a recepção ativa, isto é, colocar seus discursos em circulação de forma que estes alcancem a sociedade interessada e, em alguns casos, as autoridades.

Para eles, porém, mais importante que dominar a ferramenta *twitter* é estar em contato com **outras Amazônias**, com outras comunidades indígenas, com instituições que têm responsabilidade social, com educadores conhecedores de sua cultura, como puderam perceber que existem nesta plataforma, e, por fim, poderem se comunicar com o mundo representando-se por si mesmos.

Figura 4: Tiapé Suruí no *twitter*



Figura 5: Murué Suruí no *twitter*



Fonte: <http://twitter.com/muriesurui>

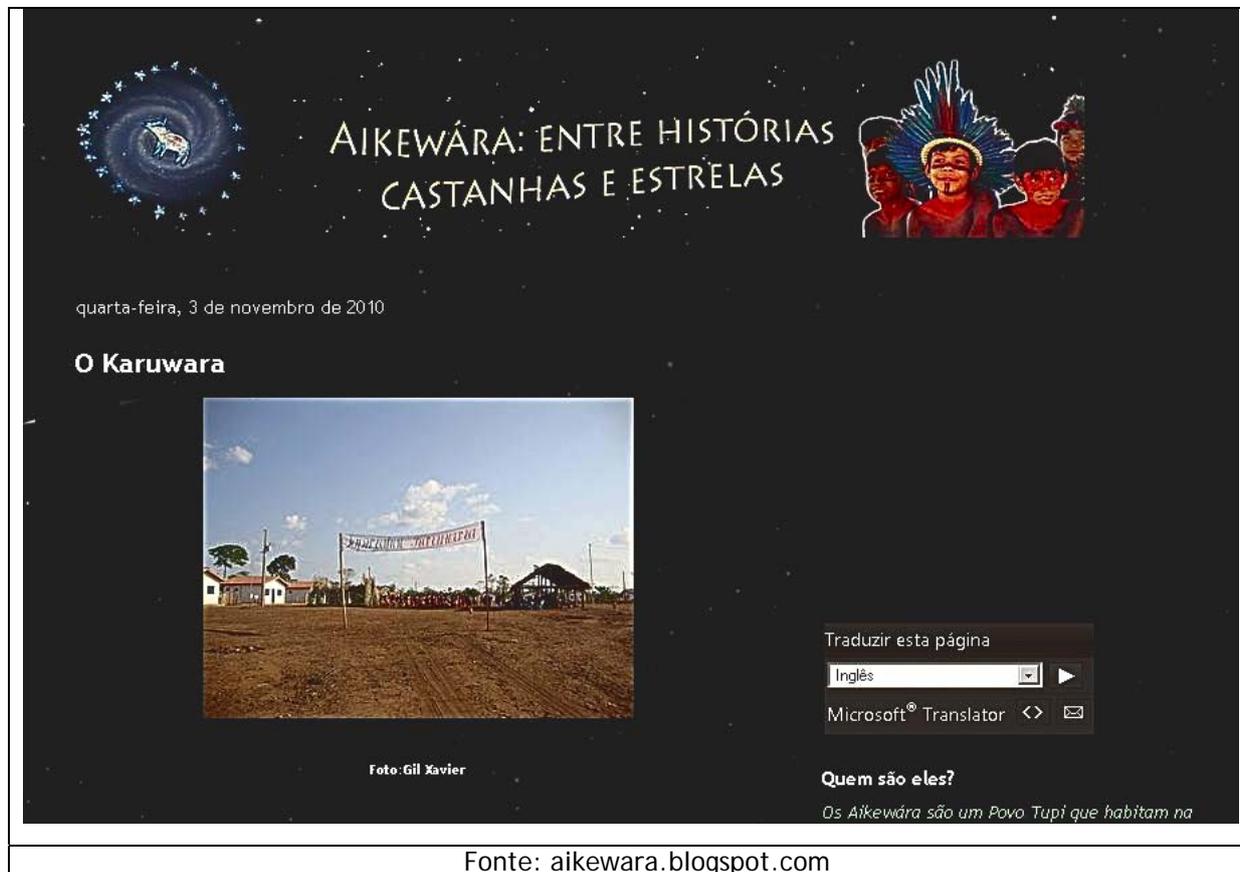
Os Aikewára já fazem parte, há algum tempo, de projetos envolvendo novas tecnologias, como o atual projeto apoiado pelo Criança Esperança em parceria com a Unesco, originados na Universidade da Amazônia (Unama). Por isso, têm certa experiência com os meios de comunicação tradicionais e alguns digitais, como seu próprio *blog* (fig.6). Eles já foram entrevistados pelas emissoras de tv: Rede Globo, Tv Cultura, Tv Record, Tv RBA e Tv Nazaré. Foram entrevistados pela emissora de rádio da Unama, durante a VII Semana de Comunicação, que ocorreu de 19 a 22 de outubro na Universidade da Amazônia. E postam, sempre que possível, comentários em seu *blog* intitulado Aikewara: entre histórias, castanhas e estrelas.

No dia 03 de novembro de 2010, Murué Suruí fez uma postagem sobre o Karuwara:

O Karuwara é uma festa espiritual que é realizada de quatro em quatro anos, depois das queimadas das roças. Para nós, povo Aikewára é muito importante realizar essa festa, porque o Karuwara é o espírito dos nossos antepassados.

Alguns homens da aldeia fazem uma casa igualzinha as dos antepassados para que durante a festa, os espíritos se reúnam dentro da casa para assistirem a dança.

Figura 6: Blog Aikewara: entre histórias, castanhas e estrelas



Fonte: aikewara.blogspot.com

Em relação ao *twitter*, sua semelhança com o formato *SMS (Short Message Service)*, já conhecido por Tiapé e Murué, foi um facilitador das trajetórias iniciais dos Aikewára nesta mídia.

Quanto a possibilidade de enviar *tweets* diretamente do celular para a internet, apesar de ter despertado o interesse de Tiapé, por enquanto o único a possuir um aparelho celular, ainda não é um serviço disponibilizado por todas as operadoras, incluindo a que utiliza. Porém, para os objetivos dos diversos projetos envolvendo os Aikewára, esta é uma opção relativamente viável e a ser considerada em função de suas características de instantaneidade e conveniência.

Figura 7: Tiapé Suruí aterrorizado com a queimada em Sororó



Na terra indígena Sororó, sudoeste do Pará, os Aikewára estão muito tristes e apreensivos, o motivo: o fogo. Desde setembro, o fogo vem causando incontáveis prejuízos para os índios, tanto com a morte de animais que são suas caças e base da alimentação Aikewára, como a queimada de castanheiras que geram sua fonte de renda, pois comercializam as castanhas e é claro a devastação do Parque Ambiental, que é praticamente uma ilha verde cercada pelas enormes fazendas da região, onde só há pasto. (GOUVÊA E SURUÍ, 2010)

Em outubro deste ano, a tragédia ocorrida na terra indígena Sororó, foi o fato que conferiu significado ao *twitter* para os Aikewára, antes apenas mais uma mídia, porém diferente das convencionais.

A interatividade da rede social pareceu, neste momento, uma opção mais tangível de obtenção de respostas para os seus apelos em busca de providências a respeito da queimada, recorrente em sua terra.

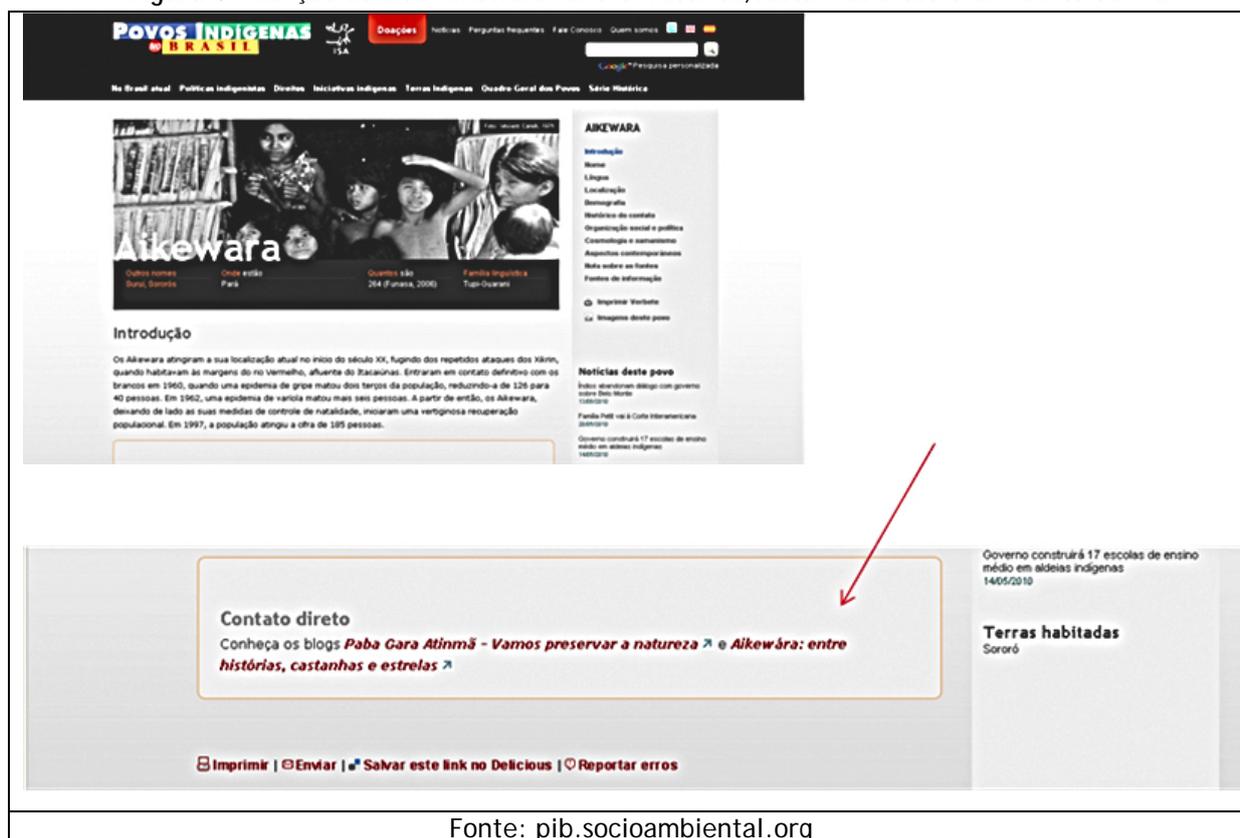
Durante suas participações na VII Semana de Comunicação da Unama, os Aikewára aproveitaram os espaços que lhes foram conferidos nos vários meios de comunicação onde deram entrevistas para chamar a atenção para o incêndio que estava ocorrendo em Sororó.

Ao iniciarem seu cadastro orientado no *twitter*, o fogo já havia cessado, mas deixando sua devastação, e a consciência a respeito desta forma de comunicação e

do conceito de interatividade foram resignificados, principalmente para Tiapé e Murué.

O *twitter* também passou a representar um mediador para o *blog* dos Aikewára, onde já existem registros atemporais a respeito de sua cultura, entre outros fatos relevantes para a comunidade Aikewára, para a sociedade de um modo geral e para os integrantes dos projetos desenvolvidos por doutores, mestres, mestrandos e graduandos da Unama. A tragédia de Sororó já está entre os discursos presentes nesta mídia.

Figura 8: Menção ao site Aikewára: entre histórias, castanhas e estrelas no site do PIB



Fonte: pib.socioambiental.org

Recentemente, no segundo semestre de 2010, o *blog* dos Aikewára passou a ser citado nos sites do ISA (fig.8), ainda que não se faça parte da lista *following* deste instituto e seus programas Povos Indígenas no Brasil (PIB) e Povos Indígenas no Brasil Mirim (PIB_mirim).

Apesar disso, através do recurso *@mentions*, obtivemos esta resposta indireta, como uma menção espontânea, de um tradicionalmente emissor para um receptor ativo. Este fato, também nos motivou a iniciar esta trajetória com os próprios Aikewára, falando por si mesmos na mídia *twitter*, e a ampliar as investigações das inúmeras possibilidades desta plataforma que vão ao encontro deste artigo e dos outros projetos a ele interligados.

Considerações finais

Este artigo é parte de uma dissertação, um projeto de pesquisa mais amplo dentro do mestrado em Comunicação, Linguagens e Cultura da Unama iniciado em 2010.

As investigações, a respeito do tratamento dado às sociedades indígenas no *twitter* e na *internet* de um modo geral, foram iniciais.

O mais importante, nesta fase, era reconhecer as relações de poder que são reforçadas pelos próprios recursos limitadores dentro das mídias sociais, apesar de serem apontadas somente como um fenômeno na comunicação global.

Igualmente importante era a divulgação da existência de discursos a respeito das sociedades indígenas em diversos produtos da *internet*, inclusive nas recentes redes sociais, mesmo em uma das mais citadas pelas diversas mídias tradicionais e contemporâneas atualmente, que é o *twitter*.

A sociedade Aikewára, além de fazer parte de outros projetos e estar localizada no estado do Pará, de onde se falou neste artigo, é uma comunidade que participa ativamente dos trabalhos em que é mencionada, vem à Universidade da Amazônia sempre que necessário; quis estar no *twitter*; está disposta a estudar, por reconhecer nesta atividade um caminho para atingir algumas de suas necessidades; tem a consciência que suas singularidades são sua memória que precisa ser preservada, mas que esta memória é e continuará sendo construída através das interações e, dependendo das condições de produção, podem ser

construídas utilizando a mediação da tecnologia e a interatividade na forma como foi tratada por este artigo.

Não só as sociedades indígenas, mas todas as sociedades estão vivenciando trajetórias iniciais dentro do *twitter*, desses processos em rede, que se está conceituando sem um distanciamento mínimo de seus sujeitos e objetos e que em pouco tempo se modificam.

As reflexões levantadas por este artigo podem ser estendidas a toda comunidade acadêmica, pois não estão reduzidas a uma área do conhecimento. Sociedade, Rede, Amazônia e Memória são temáticas que devem ir muito além do desenvolvimento deste trabalho para o formato de dissertação. Mais do que ser conclusivo, este artigo pretendeu fomentar o debate, dos mais importantes na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, L.P. *Aparelhos Ideológicos do Estado*. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

BACCEGA, Maria Aparecida. *Recepção: nova perspectiva nos estudos de comunicação*. São Paulo, 1998.

COMM, Joel. *O poder do twitter: estratégias para dominar seu mercado e atingir seus objetivos com um tweet por vez*. São Paulo: Editora Gente, 2009.

CÚELLAR, Jorge Mauricio Toledo. *Raios ultravioletas como referencia de modulos de estudio de questões ambientais no ensino fundamental*. Santa Maria, RS, 2008.

Disponível em:

<http://jararaca.ufsm.br/websites/unidadedeapoio/download/mauriciocuellar.pdf>

Acesso em: 10 de maio de 2010

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

IBOPE NIELSEN ONLINE. *Cresce presença dos adultos nas redes sociais*. Revista ProXXI *m&m*, Maio de 2010, p.94 a 95.

Disponível em: <http://proxima.digitalpages.com.br/home.aspx?edicao=17>

Acesso em: 20 de maio de 2010

MARCONDES, Pyr. **Tudo o que é sólido se desmancha na rede**. Revista ProXXIIma m&m, Ago/Set de 2007, p.27

Disponível em: <http://proxima.digitalpages.com.br/home.aspx?edicao=17>

Acesso em: 20 de maio de 2010.

MATTA DA SILVA, Gilmar. **A relação entre canto e mito no rito Aikewára**. Espaço Ameríndio, Porto Alegre, v. 3, n. 2, p. 78-98, jul./dez. 2009

Disponível em:

<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/EspacoAmerindio/article/viewFile/7562/6833>

Acesso em: 21 de maio de 2010

NEVES, Ivânia. **A invenção do índio e as narrativas orais Tupi**. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP : [s.n.], 2009

O'REILLY, Tim. **O que é Web 2.0?** Tradução: Miriam Medeiros. Revisão técnica: Julio Preuss. Novembro 2006.

Disponível em: <http://www.cipedya.com/doc/102010>

Acesso em: 03 de outubro de 2010

REDAÇÃO TERRA. **Em 10 anos, Internet cresceu em diversas áreas**. 07/06/2005.

Disponível em:

<http://tecnologia.terra.com.br/internet10anos/interna/0,,OI546299-EI5026,00.html>

Acesso em: 20 de agosto de 2010

SANTAELLA, Lúcia. **Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano**. Revista FAMECOS. Porto Alegre, nº 22, dezembro 2003.

SILVA, Marco. **Sala de aula interativa: educação, comunicação, mídia clássica...**São Paulo:Edições Loyola,2010.

SOUZA FILHO, Fernando. **Índios brasileiros usam câmeras, computadores e blogam na internet**. 20/4/2010

Disponível em: <http://tecnologia.br.msn.com/noticias/artigo.aspx?cp-documentid=23952392>

Acesso em: 02 de maio de 2010

Sites e blogs visitados:

<http://aikewara.blogspot.com>

www.midiassociais.net

<http://pib.socioambiental.org>

<http://pibmirim.socioambiental.org>
www.twitter.com
<http://www.amazonwatch.org>
<http://www.rainforestfoundation.org/>
<http://www.socioambiental.org>
<http://www.xinguvivo.org.br>

¹ **Hellen MONARCHA, mestranda**
Universidade da Amazônia (UNAMA)
E-mail: monarchamkt@yahoo.com.br